

CONVERGÊNCIA. MOVIMENTO LACANIANO PARA A PSICANÁLISE FREUDIANA.

COLÓQUIO PARIS 2025 - "MAL-ESTAR, CASTRAÇÃO, ALTERIDADE"

Mal-estar, castração, alteridade... uma aposta no sujeito

O texto a seguir é produto do trabalho realizado por um grupo de membros da escola, que concordamos em nos reunir em torno dessa tarefa após a chamada aberta apresentada pela comissão executiva e o cartel de extensão.

Partimos de um convite ao debate que lemos no argumento em que se sustenta este colóquio.

O que chamamos hoje “castração”, o que chamamos “alteridade” e quais são suas incidências sobre o mal-estar de nossa época?”

Acrescentamos, que lugar ocupa o sujeito neste “novo mundo” que nos é apresentado?

Os três significantes que se recortam do título deste colóquio- "mal-estar, castração, alteridade" -, servirão de guia ao longo do desenvolvimento para tentar responder à pergunta de que lugar para o sujeito e seus invariantes.

Concordamos com que os analistas, e a psicanálise, não devem estar alheios à "subjetividade" da época em que desenvolve sua prática, mas é importante não nos extraviarmos na demanda que apresenta o epocal, a rapidez e a eficiência da eliminação do sintoma, mas que seria conveniente orientar a questão em torno do discurso da psicanálise, e seus invariantes.

Não podemos negar como os avanços científicos, tecnológicos, sociais impactaram em todos nós, em nossas vidas e em nossos relacionamentos...mas a clínica nos mostra que há algo estrutural que permanece inalterado.

Algumas apresentações clínicas nos interpelam, nos tiram da zona de zona de conforto, nos colocam a pensar.

Orientados pela política da psicanálise, que é a política do sintoma, avançamos nessas questões.

Como o mal-estar se apresenta nestes tempos?

O que acontece com a pulsão? O que se passa com o corpo? Como se apresenta o gozo? Como se relaciona com o laço social?

O mal-estar e o gozo fazem parte da existência humana, são assuntos do corpo. Falar implica gozar. Acontece que o gozo não pode ser domesticado, não é algo que possa ser eliminado; também não pode ser negligenciado. Faz parte da vida e da cultura. Freud conceitualiza com a pulsão de morte como a repetição significativa traumatiza e engendra gozo. Pelo fato de falar habitamos um mundo onde o gozo desperta para a vida.

A psicanálise tenta produzir uma escrita desse gozo; outros discursos pretendem dominá-lo, normativizá-lo; mercantilizar os corpos e os gozos; catalogar com rótulos ou nomenclaturas o padecimento subjetivo.

¿Qué gozos na era digital? Estamos diante de uma reordenação pulsional?

Em princípio, devemos atender que o sujeito nada tem a ver com o indivíduo, com o indiviso que outros discursos propõem.

Orientar-nos pelo discurso da psicanálise implica o sujeito na sua determinação inconsciente, na sua relação com o gozo, na sua tentativa de realização no fantasma. Nada tem a ver com o indivíduo da ciência, não é "Um"; o sujeito o tempo todo está correndo do arco do "Um". Não se pode fazer um manual diagnóstico do sujeito.

Invariantes estruturais que são o suporte da nossa prática, é o que nos orienta e diminui os riscos de extravio.

Falo, castração, nome do Pai, complexo de Édipo... repressão, renegação, forclusão-, permitem-nos permanecer numa prática que possibilita a introdução do sujeito no campo do desejo.

Na clínica, essa estrutura singular do sujeito deve ser decifrada, por isso perguntamos, por isso indagamos, não damos "dicas". É condição necessária o desdobramento da palavra e a escuta dessa singularidade do sintoma na direção da cura.

Como a castração — ou sua rejeição — se manifesta em cada pessoa? Que efeitos isso tem no vínculo social?

A operação de transmissão do significante do nome do pai é sempre falha, por estrutura, mas como vemos essa falha aparecer caso a caso? Quais são as chances desse significante se inscrever na estrutura? É algo que devemos investigar no singular de cada sujeito.

A inscrição da castração na estrutura, efeito da operação da função paterna, torna possível a alteridade; "...permite encontrar-nos como pares, no respeito da imparidade mais radical"¹

Esse movimento do mal-estar à alteridade não é sem a castração. O outro é outro radicalmente diferente, e isso se joga no laço social possibilitando melhores ou piores vínculos.

No decorrer deste trabalho, encontramos uma frase: "É preciso tolerar a castração"

Este significante "tolerar" interpela-nos, remete a outros significantes, arma-se uma cadeia: tolerar, suportar, suporte, estrutura. Do "tolerar", passamos ao suportar (ou ao suporte). A clínica psicanalítica é o real enquanto ele é impossível de suportar, diz Lacan.

"Tolerar" poderia ser pensado como um ato consciente, um "levar com paciência"; o "suporte", por outro lado, pensamos nisso como um fato de estrutura, suporte da estrutura. A tolerância será, em todo o caso, acrescida no trabalho de uma análise.

O andaime da linguagem é o suporte; a estrutura discursiva que sustenta um real que, como dimensão do dizer, carrega consigo o que há de mais singular no sujeito: seu desejo. O desejo é o contraponto do princípio do prazer; sustentar o desejo implica uma renúncia ao gozo. Lá colocamos outra invariante.

Do mal-estar ao suporte, do suporte à tolerância, da tolerância à alteridade.

Nós nos perguntamos: Por que nos reunimos na Convergência? Por que precisamos desse movimento?

É um encontro com a alteridade? Não é por acaso também "suporte" de um trabalho? A Convergência é um suporte para o discurso da psicanálise e, ao mesmo tempo, sustenta-se nele?

Durante a pandemia nos servimos de outros suportes para continuar nos encontrando, foram suportes tecnológicos próprios de nossa época, mas sem o desejo de cada um, sem o apoio dos dispositivos de trabalho, sem as transferências de trabalho, não há movimento.

Convergência não é um agrupamento de instituições, não é uma supra-instituição, não se sustenta numa estrutura piramidal, se sustenta no desejo de

¹Referência ao acto de fundação da Escuela Freud Lacan de La Plata.

cada um em torno da psicanálise; e os diferentes dispositivos que nos damos para levar adiante o trabalho.

Convergência é um movimento cuja orientação é o discurso da psicanálise; apostando no desejo e na alteridade, no encontro com o semelhante, o próximo e o diferente. Uma aposta para causar - arejar-o desejo, com novas formas criativas. A alteridade se realiza na escuta respeitosa da estrutura do outro, que é outro; vinculadas às transferências de trabalho que nesses laços se estabelecem. É preciso continuar recriando o desejo em torno da psicanálise, pois é um discurso necessário.

ESCUELA FREUD LACAN DE LA PLATA

Sandra Alderete

Cristina Borda

Claudio Gómez

María José Iglesias

Virginia Nucciarone

Anabella Otaviani

Leticia Scottini

Claudia Luján